

O ensino Bíblico sobre a união da Igreja

Gordon Chown

Por que a preocupação pela união?

No mundo de hoje, o desenvolvimento científico e o desenvolvimento da democracia estão levando os seus habitantes a participarem mais ativamente da vida; a ciência coloca ao alcance dos homens grandes possibilidades de uma vida mais ativa, com mais movimento, mais conforto, mais possibilidade de estudos e de diálogos; e a democracia permite aos homens tomar parte em tôdas as decisões nacionais. No meio desta correria pelo desenvolvimento, é natural que cada pessoa esteja lutando para obter um quinhão maior destas vantagens. Em muitas sociedades modernas, esta busca pelo melhoramento é quase considerada uma virtude ética, parte integrante da luta por um mundo melhor. Esta busca ardente tende a produzir uma atitude materialista, e poucas pessoas procuram os verdadeiros valores da vida, os valores transcendentais, eternos, religiosos. Nesta situação, as igrejas cristãs começam a se sentir sem influência, sem relevância, sendo que poucas pessoas realmente levam a sério as coisas pertencentes à eternidade quando o presente surge tão grande com seus problemas, com suas esperanças.

A igreja com seus vários ramos, trava uma luta para tornar-se re-

levante para os homens de hoje. Considera que suas divergências teológicas devem estar causando péssima impressão nas mentes modernas, pois a primeira coisa que será notada pelos críticos do cristianismo é que há divisões dentro desta religião. Além disto, assim como os partidos políticos estão formando enormes blocos internacionais, e as fábricas estão desenvolvendo grandes rêdes comerciais pelo mundo inteiro, sente-se que as igrejas também poderiam amalgamar sua obra, para maior eficiência de operação, e para evitar que denominações diferentes fiquem duplicando os mesmos esforços no mesmo campo. Tudo isto está bem dentro do espírito da época, um espírito de enormes pulos para a frente em assuntos materiais, registráveis em estatísticas. Mas a igreja é antes de mais nada, o povo de Jesus Cristo, a comunidade da Palavra de Deus; devemos portanto, procurar os ensinamentos bíblicos para nos guiar durante esta época.

O ENSINO NO EVANGELHO

O momento histórico que destaca a Igreja de Cristo como algo mais do que aquela que já existia, pode ser percebido quando Pedro fez sua confissão "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo", Mt 16:16. Como no caso de Abrão e de Moisés, era a resposta da fé me-

diante a revelação e a vocação divina, e Cristo foi bem específico ao declarar que foi o próprio Deus que revelou a verdade a Pedro. Jesus chamou Pedro de bem-aventurado por causa desta confissão de fé, mas logo que Pedro quis evitar o caminho da cruz, da dedicação, do sofrimento, do auto-sacrifício em prol de outros, Jesus disse: "Arreda! Satanás". Pedro ao reconhecer Cristo como o Messias, foi por sua vez reconhecido por Cristo como alicerce da Igreja, uma organização que refletirá na terra aquilo que Deus decretou nos Céus (Mt 16:18-19). Pedro, ao procurar que Jesus evitasse o caminho da Cruz (Mt 16:21-23), foi reconhecido como quem estava tentando Jesus como fez o próprio Satanás. Quando Pedro estava reconhecendo Cristo como Salvador, era rocha fundamental da Igreja; quando não quis que a obra de Cristo prosseguisse segundo o caminho que Deus já traçara, era Satanás. Já que Pedro como pessoa não podia ser dois no mesmo tempo, entende-se que a pedra sobre a qual Jesus haveria de edificar Sua Igreja era a confissão de fé em Cristo. Cada pessoa que se converte a Cristo passa a fazer parte integrante da Igreja de Cristo, que se edifica sobre a confissão de Cristo como Salvador. Como foi percebido, esta fé salvadora vem como dom de Deus, e o campo de atividade desta fé é a vida dedicada a levar adiante a obra de Deus, segundo o ensinamento de Deus e segundo as virtudes com as quais Deus capacita Seus servos.

O momento histórico que é chamado o "aniversário da Igreja", é

o dia de Pentecostes. Naquela ocasião, os apóstolos, já crendo em Cristo, e já por Ele doutrinados, receberam poder dos altos céus, a descida do Espírito Santo, para transformar suas personalidades, capacitando-os a enfrentar a missão que Jesus já lhes confiara. A presença do Espírito Santo concede poder para agir, compreensão das Sagradas Escrituras, e profunda comunhão com Deus. Recapitulando, pois, podemos dizer que a Igreja de Cristo, se reúne em torno dos mesmos ideais já descritos para a Igreja do Antigo Testamento, porém com a distintiva da fé em Jesus Cristo como sua vinculação com a eternidade, e com a presença do Espírito Santo para capacitá-la a viver à altura da sua doutrina e da sua vocação aqui na terra.

O ENSINO BÍBLICO NO ANTIGO TESTAMENTO

Para entender a unidade da Igreja, precisamos compreender sua origem e sua natureza; não há unidade nem acôrdo antes de se definir aquilo em torno do qual estamos elaborando.

As raízes da Igreja fundamentam-se nos princípios da história da humanidade. Quando Abrão recebeu sua vocação de Deus, sua comissão incluía: a) abandonar a tudo para seguir as diretrizes que Deus ia fornecer; b) desenvolver um povo especificamente de Deus, que seria abençoado em tudo segundo a promessa de Deus; c) ser uma bênção, para todas as pessoas em todos os tempos. Cada passo depende do passo anterior. Foi assim, que aconteceu com Moisés, cuja primeira incumbência era ser obe-

diente à sua vocação, enfrentando o poderio de Faraó; feito isso, era Deus quem operaria os milagres para forçar Faraó a deixar os israelitas saírem livres da escravidão, o primeiro passo para a obra de formar uma nação especificamente de Deus, cujas leis iam moldar cada pormenor da sua vida cívica. Assim Israel viria a ser uma luz para os gentios, um farol para guiar pessoas de tôdas as nações ao conhecimento de Deus. O padrão da "proto-igreja" ficou sendo: a) a fé com obediência; b) a formação de uma organização obedecendo à revelação divina; c) a missão de ser bênção e luz, levando outros a Deus.

No Antigo Testamento, esta organização recebeu o nome de QAHAL, a palavra hebraica que significa reunião ou assembléia. Quando se fala da "congregação dos filhos de Israel", refere-se ao plenário do povo de Deus reunido em assembléia, cada membro do povo contando também como membro da religião nacional. Nestas reuniões, deliberava-se como se deveria aplicar na situação do momento a revelação de Deus dada mediante seus profetas. Esta situação era mais comum na época de Moisés, pois no decurso da história do povo de Deus na Palestina, desenvolveu-se uma tendência de cada tribo procurar seus interesses particulares, e depois da divisão do reino de Salomão, dez tribos ficaram do culto no Templo em Jerusalém, com suas cerimônias religiosas acompanhadas pelos ensinamentos da Palavra de Deus e pela comunhão entre os fiéis. Depois do Cativo, uma nação reduzida e arrependida voltou a se reunir em Jerusalém para de-

bater todos os problemas nacionais e íntimos na luz da Palavra de Deus, Esdras cap. 10 e Neemias cap. 10.

Afinal de contas, em tórno do que se reuniam os descendentes de Abrão? O núcleo desta união de geração em geração era a vocação de Deus, recebida pela fé. A doutrina desta união era o ensinamento de Deus. A finalidade desta união era viver esta vocação, esta doutrina, de maneira tão perfeita que sua atuação seria uma proclamação da glória de Deus manifesta na terra, uma comunhão dentro da qual os povos da terra são convidados a participar, para serem transformados aqui na terra segundo o modêlo ideal que Deus oferece e para irem caminhando para a eternidade.

A ORAÇÃO DE JESUS

Jesus, na noite em que foi traído, orou em favor desta união dos seus seguidores. É bom destacar que não se trata de uma união de todos os habitantes da terra, e que não se trata de uma união na qual se despreza a doutrina essencial de Cristo. Jesus ora especialmente em prol dos seguidores que Deus lhe concedeu, Jo 17:6 e 9. Para saber como Deus concedeu êstes seguidores, responde-se que era pelo caminho seguido por Pedro: Deus revelou a Pedro que Jesus é o Salvador divino, e Pedro confessa esta verdade, crendo nela e seguindo-a no seu viver, no seu ensinamento, na sua missão. Êstes crentes já não são do mundo, não fazem mais parte integrante do mundo, v. 9. É a fé em Cristo que os coloca num outro plano, que os destaca do

resto do mundo, e que os torna em alvos específicos da intercessão de Cristo.

Muitas pessoas têm procurado dar a impressão que a oração de Jesus era feita no sentido de pedir ao Seu Pai celestial que os membros das Igrejas fôssem se conformar com algum govêrno central; para isto acontecer, os católicos acham que basta todos se entregarem ao Papa; outras igrejas acham que o que basta é formar um centro de debates de onde surgiriam as diretrizes da Igreja depois de cada grupo confessional ter dado sua opinião. Na prática as definições do Concílio Mundial das Igrejas, em suas várias reuniões, têm sido citadas por muitos como “decretos” e “dogmas”.

A idéia de reunir concílios com poderes para emitir dogmas surgiu no quarto século quando a igreja começou a ter poderes cívicos, e o Imperador quis resolver quem contaria como cristão para assim ser beneficiário das verbas governamentais. A Igreja começou a ser uma sociedade lutando pelas suas prerrogativas, e qualquer voz que chegava a discordar dela teria que ser silenciada pelo poder do Concílio. A Igreja Católica desenvolveu então, o costume de considerar como o pior dos pecados a separação de algum membro da Igreja: os demais pecados seriam devidamente perdoados pela organização eclesiástica. Os ecumenistas também consideram como pior dos pecados o fato de não se filiar ao seu movimento, mas não tendo autoridade imperial, alegam ter autoridade bíblica para isto, dizendo que o único desejo de Jesus Cristo era a união orgânica de todos os que crêem. As palavras

citadas neste sentido são as seguintes: “Não rogo somente por estes, mas também por aquêles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam êles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste,” Jo 17:20-21. As primeiras palavras mostram que a oração de Jesus se estende a todos os fiéis de todos os tempos; depois, é a frase “a fim de que todos sejam um”, que tem levado muitos a colocar a unidade orgânica acima de qualquer outra virtude cristã. Só que o contexto mostra que o próprio Jesus definiu esta unidade: os crentes devem ser profundamente vinculados à Pessoa de Cristo, uma vinculação tão profunda, tão divina, tão sobrenatural, que reflète a própria união que há entre Jesus e Deus Pai. O resultado de uma vida tão profundamente religiosa por parte dos crentes será uma fortíssima impressão sôbre os que vivem ao seu redor, levando à sua conversão. O que persuade, afinal, não é a quantidade de órgãos e pianos tocando na igreja, nem o poder de uma grandiosa organização eclesiástica: é a qualidade da vida espiritual de cada crente.

Esta profunda união com Cristo não é algo imaginário; não é possível declarar que quem se vincula a alguma organização eclesiástica possui automaticamente algo tão precioso. Não, a união vem primeiro, pelo grande passo da fé verdadeira em Cristo; depois, desenvolve-se dentro do caminho que o próprio Deus preparou. Jesus disse: “Eu lhes tenho transmitido as palavras que me

deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste,” Jo. 17:8. Quer dizer que os verdadeiros crentes colocam sua fé numa mensagem autêntica provinda da parte de Deus. Quem não aceita esta mensagem, quem duvida desta mensagem, quem não se entregou a esta fé em Cristo, não é alvo desta oração, e não tem nenhuma união a buscar com os crentes. Uma união feita entre pessoas, para formar uma igreja, e que não se baseia sobre a fé em Cristo, e uma vida vivida de acordo com a Palavra de Deus, dentro da bênção e da inspiração do Espírito Santo, não é muito diferente da união que os sodomitas fizeram ao concordar juntamente em fazer o mal, Gn 19:4-5. O pior é que tal tipo de união é cuidadosamente calculada para enganar os crentes, fazendo que dão suas contribuições como se fôsse para a obra de Deus, mas afinal, desviando estas ofertas para um tipo de obra que está longe do espírito de Cristo.

Guardar a Palavra de Deus é algo que tem ficado fora de muitos debates sobre a união da Igreja. Não se podia insistir neste ponto quando a maioria das pessoas que integram as Igrejas católicas e ortodoxas gregas e russas, para não mencionar o modernismo teológico que invade as igrejas reformadas, põem em segundo plano a Palavra de Deus. Para não mais ofender a estes, estragando a possibilidade de reunião orgânica, despreza-se justamente a doutrina ao redor da qual a Igreja deve crer, viver e agir. Jesus descreveu os fiéis como aqueles que guardam a Palavra de Deus, João 17:6, justamente nesta oração que está pleiteando sua

união. A união da Igreja é em primeiro lugar união com Cristo, união na fé, união na doutrina. Se fizessemos tanto esforço para ficar em comunhão com Cristo, como fazemos para fazer união com o mundo e união com apóstatas, a Igreja seria uma organização realmente sobrenatural, contando com a presença maravilhosa de Cristo em todos os seus caminhos. A maneira de os homens fazerem união é a seguinte: amalgam-se as igrejas como se fôsem grandes firmas ameaçadas pela falência, para ter mais riqueza, mais poder; DEPOIS de terem feito esta operação a substituir a verdadeira operação do Espírito Santo, alegam que é o Espírito Santo que está movendo nestas operações. Chegamos a ouvir um grande líder modernista, que sempre consegue estar no meio de qualquer reunião importante, declarar que o movimento comunista no mundo é obra do Espírito Santo. Esta afirmação, feita perante líderes das Faculdades Teológicas num Simpósio sobre o Reino de Deus, é pura blasfêmia contra o Espírito Santo, atribuindo-Lhe a obra do paganismo.

A exortação que o Apóstolo Paulo fez em prol da união entre os crentes é vazada nestes termos: “Esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”, Efésios 4:3. Para definir bem a natureza deste apêlo, seria mister definir para quem a exortação era dirigida. Os primeiros três capítulos da Epístola descrevem pormenorizadamente tudo aquilo que Cristo fez em prol daqueles que nEle creem; descrevem o

poder de Cristo; descrevem a graça de Cristo que salva o pior dos pecadores, e que concede aos gentios a entrada nas bênçãos especificamente prometidas para Israel; descrevem a vocação de Paulo de levar o Evangelho aos gentios e sua oração para que todos os crentes se deixem habitar plenamente pela presença de Cristo. É somente entre as pessoas que receberam e conservaram tôdas estas verdades, crendo nelas e aceitando-as na sua vida, que poderá haver união cristã verdadeira. Neste caso, nem se trata de “esforços para produzir a união.” Trata-se apenas de PRESERVAR a unidade já espiritualmente existente entre os que realmente aceitaram a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. A melhor maneira de preservar esta unidade não seria abandonar algo da fé uma vez por tôdas entregue aos santos, para se acomodar com crenças falsas, formando-se assim uma união espúria; a maneira certa é avançar mais e mais no conhecimento de Cristo, na fé, na doutrina, na prática e na nossa missão na terra.

RESUMO :

Uma união feita em redor da Palavra de Deus, uma união feita com o intuito de aprofundar mais e mais a adoração a Jesus Cristo, uma união que está buscando poder dinamizador e santificador do Espírito Santo só pode trazer proveito real e eterno para a Igreja em todos os seus ramos. Em Cristo descobrir-se-ão todos os poderes, tôdas as qualidades, tôdas as garantias, tôdas as vantagens, tôda a felicidade, tôda a sabedoria, tôda a inspiração que o ser hu-

mano moderno possa almejar. A transformação no íntimo que o próprio Cristo produz, alteraria de tal maneira as relações humanas que as lutas entre classes, as guerras, uma boa parte da luta contra as doenças, nem precisariam surgir: em Cristo seriam saneadas antes de aparecer. Se as Igrejas realmente procuram em Cristo a plenitude de tudo aquilo do qual o homem carece, e se dedicam a procurar Sua vontade para nossas vidas, para que Ele pudesse transformar a humanidade segundo Sua inefável sabedoria, então já terão um alvo ao redor do qual podem desenvolver uma frente reunida. Se Cristo não é suficiente para elas, se procuram bajular o mundo para não serem perseguidas pelo mundo, se elas também são carnisais, ambiciosas, desobedientes à Palavra de Deus, deixam de ter uma mensagem para êste mundo; sem fé, sem missão, sem ética, sem mensagem, sem amor de Cristo, a igreja não precisa existir, pois já não é igreja. Não há nenhum proveito quando uma falsa igreja dêste tipo procurar união com outras igrejas para conservar sua própria existência que já não é uma existência “real”, uma existência com bases na vontade divina. Uma união feita entre igrejas desta natureza chegará um dia a ser uma mesa redonda tão “democrática”, que o próprio Deus só terá direito a um único voto.

A oração de Jesus recebe sua resposta em primeiro lugar, quando cada crente deixa sua vida ser totalmente transformada por Cristo, seu Redentor; aprenderá a ter a mente de Cristo em tôdas as suas

atitudes e as suas ações. Este crente deve fazer parte de alguma Igreja local, um agrupamento de pessoas de igual ânimo religioso, levando avante este mesmo espírito de comunhão profunda com Cristo. Quando este alvo começa a ser atingido no nível local e individual, será mais fácil sonhar com uma organização enorme totalmente permeada pela mente de Cristo. Por enquanto, parece que a organização ecumênica foi levantada para **CONTRABALANÇAR A FALTA DE CRISTO NAS IGREJAS**, compensar o baixo nível religioso com eficiência humana. Este caminho levará a uma Igreja sem Cristo, sem religião, sem mensagem.